

O TRIBUNAL

Um júri de trinta e seis elementos julgará, dentro de poucas horas, as oito canções que chegaram à final do Festival deste ano. O sexo masculino tem larga vantagem numérica sobre o feminino, pois só nove senhoras fazem parte do júri.

Quanto às profissões, teremos: **um assistente de programas musicais da RTP, dois jornalistas, nove estudantes, dois empregados de escritório, um decorador, um gráfico, um industrial, quatro comerciantes, um funcionário da Caixa Geral de Depósitos, um locutor de rádio, um etnólogo, um locutor e produtor de programas de rádio e TV, três engenheiros, duas domésticas, uma directora de rancho folclórico, um gerente comercial, um inspector de seguros, um administrador de empresa, um oficial do tráfego aéreo e um proprietário.**

O SEU VOTO

	Votos
1 ___ Vamos Cantar de Pé	
2 ___ Cidade Alheia	
3 ___ Vem o Caminheiro	
4 ___ A Festa da Vida	
5 ___ Esta Festa das Cidades	
6 ___ Amor de Raiz	
7 ___ Dentro da Manhã	
8 ___ Se Quiseres Ouvir Cantar	

JURAMENTO DE BANDEIRA

«Nisto de promoções, acho que estamos ainda no rés-do-chão, quando os outros já vão no quinto andar». Não esqueço esta frase de um colega meu destas andanças, quando o ano passado entrevistei, de microfone em punho, sobre tudo quanto dizia «exagero» das campanhas movidas á volta dos artistas dos Festivais. E, realmente é assim. Este ano, parece que vamos a caminho do primeiro andar. Mas ainda falta muito. Nisto, como em muitas outras coisas, acho que estamos realmente atrasados. Mas enfim: lá vamos cantando e rindo.

Cantando as musicas de promoção, e rindo das possibilidades deste ou daquele. Que não podem ter hipóteses. Ou que as têm, e muitas, se um júri lá de Viseu se lembra de estragar o arranjinho de meia-dúzia. Cartas na mesa, meus senhores: quem vai ganhar este ano? Deitando fora os novos que ninguém conhece, restam os Mendes, o Braga e o Paco. Os primeiros jogam honesto, simplicidade como trunfo, naturalidade como «best». O Carlos, procurando esquecer o passado; o Duarte preferindo o sorriso á resposta concreta. Um e outro, rodas dentadas de complicada máquina que funciona (ou pretende funcionar) a preceito. Máquina de vender discos, máquina de dinheiro que busca um rótulo de luxo que o S. Luis tem à venda.

Braga é fundamentalmente fadista. E fado não é para festival. E o Paco? Ele tem o grande público do seu lado. Que gosta de o ouvir, porque ainda não esqueceu o «Badajoz à vista». Achado em Luanda para ir a este Festival, ali mesmo jurou que ganharia. E juramento de Bandeira, deixa muito que pensar...

ORLANDO DIAS AGUDO